

TOMO LIX
Nº 349

Seleções do Reader's Digest

FEVEREIRO
de 1971

Condensações de artigos de interesse permanente

Copyright © 1971 da Editora Seleções do Reader's Digest S. A.



GUIOMAR NOVAES: “Poeta do Piano”

EDWARD TOMLINSON

A grande brasileira vem cativando platéias há mais de meio século, mas continua a trabalhar no teclado para “descobrir novos significados” na música

ELA NUNCA TEVE secretário de imprensa: para encher um teatro do Rio ou de São Paulo, basta um anúncio de duas linhas nos jornais. Uma notícia igualmente modesta de que um novo álbum de discos foi gravado por ela é suficiente para esgotar a edição em poucos dias. Em 1955 ela recebeu a Medalha Nacional do Mérito, a mais alta condecoração brasileira para civis. Uma placa de bronze no histórico Teatro

Municipal do Rio proclama: “À genial Guiomar Novaes, homenagem de seus admiradores.”

Hoje, depois de mais de meio século de atividade artística, Guiomar Novaes Pinto continua a cativar seus admiradores dedicados e a conquistar novos a cada concerto. Tinha 18 anos quando, em 1915, José Carlos Rodrigues, proprietário do *Jornal do Commercio*, ouviu um recital dela no Rio e organizou o seu primeiro con-

cêrto no Aeolian Hall de Nova York. (Em 1965 ela comemorou o seu 50.º aniversário de concertista tocando na primeira das Séries de Grandes Intérpretes no Lincoln Center de Manhattan.) “Depois daquele primeiro concêrto em Nova York”, disse-me Guiomar Novaes o ano passado em São Paulo, “fui convidada a assinar contratos para 40 concertos nos Estados Unidos no ano seguinte. Desde então aquêle público me é fiel, e eu tenho retribuído êsse carinho dividindo minha vida entre o Brasil e os Estados Unidos.”

Também os críticos se conservam fiéis. Diz Eurico Nogueira França, do *Correio da Manhã*: “A passagem do tempo não revela nenhum declínio em seus extraordinários recursos; antes os enriqueceu com uma segurança que faz surgir todos os dotes inesperados de sua sensibilidade rítmica, bem como da musical.” Albert Goldberg, do *Times* de Los Angeles, comentando uma recente apresentação naquela cidade, escreveu: “Ela ainda toca com a fôrça de um gigante e a delicadeza de fada de um Oberon.” Um jovem pianista principiante que convidei para um concêrto dela em Nova York murmurou ao ouvi-la tocar a *Sonata ao Luar* de Beethoven: “Quase posso ver raios de luar dançando no teclado.” O *Times* de Nova York chamou-a de “poeta do piano”.

Sempre Nova. Por ter sido personalidade pública a maior parte de sua vida, Guiomar Novaes aprecia muito a vida do lar no bairro de Hi-

gienópolis, em São Paulo. Quando fui visitá-la, não reconheci a mulher tímida e simples que me abriu a porta. No palco se torna uma personagem dominadora. Ali, na sua sala, era a suave avó que é na vida real.

Ela continua a praticar e a estudar com um rigor que esgotaria muita gente com a metade de sua idade. Um jornalista carioca que estava hospedado num quarto perto da suíte que ela ocupava em um hotel de Nova York diz que a ouvia ensaiar várias vêzes os mesmos trechos que os críticos tinham considerado perfeitos na véspera. “Eu ensaio peças que tenho tocado a vida tôda porque sempre é possível descobrir novos significados que o compositor pode ter tido em mente.”

José Paes Nunes, crítico musical de *O Estado de S. Paulo*, diz que êste é o segrêdo de seu fascínio sôbre o público. “Por mais vêzes que se tenha ouvido Guiomar tocar uma peça”, diz êle, “ela sempre descobre novas tonalidades e nuanças que nunca ouvimos antes. Eu vou aos concertos dela com grandes expectativas e nunca me desaponto.”

Muitas pessoas que já ouviram Guiomar tocar falam de seu ar calmo, mas suas amigas sabem o quanto ela fica preocupada e nervosa antes de um concêrto. Mas no momento em que seus dedos tocam o teclado, ela se desprende de tudo a não ser a música. Tive prova dessa concentração naquela tarde em que a visitei. Tocou uma música especial que queria que eu ouvisse, e não tomou co-



nhecimento dos dois netinhos que passaram o tempo todo correndo pela sala.

No palco a pianista *mignonne*—ela pouco passa de um metro e meio e pesa pouco mais de 45 quilos—não utiliza recursos pirotécnicos nem maneirismos como o de movimentar a cabeça para dar ênfase à interpretação. Só suas mãos pequenas e delicadas se movimentam.

No apogeu de sua carreira, quando viajava cerca de 160.000 quilômetros em cada temporada, um piano de cauda Steinway sempre a acom-

panhava. Ela não permitia que o piano fôsse deslocado depois de colocado no palco e de ter ela ensaiado. Contou-me que uma vez em Filadélfia o administrador telefonou-lhe dizendo que o piano tinha chegado e perguntava se ela não queria ensaiar. “Imagine! Ensaiar antes que o coitadinho tivesse tempo de descansar dos sacolejos da viagem!”

A primeira coisa que faz quando chega a uma cidade para um concerto é ir à igreja mais próxima e rezar. Mas às vezes imprevistos impedem êsse ato de devoção. A nevada na

noite do domingo depois do Natal de 1969 em Nova York foi um caso assim. Como sempre, a suíte dela estava cheia de visitas. De repente, ela ergueu-se e disse: "Preciso sair", e enfrentou a lama e a neve para ir à Missa das oito na Catedral de São Patrício.

Guiomar Novaes nasceu a 28 de fevereiro de 1898, em São João da Boa Vista, no Estado de São Paulo. A mãe, descendente de holandeses, tinha inclinações musicais e foi a primeira a descobrir o talento da filha. O pai, Manuel Novaes, descendente de portugueses, era comerciante e poeta, escreveu uma poesia para cada um dos 11 filhos quando nasceram. Alguns irmãos e irmãs de Guiomar tornaram-se médicos e educadores. "Eu era a única que tinha jeito para a música", diz ela. "Comecei a tocar piano aos três anos e aos oito era organista e fazia arranjos de música para nossa igreja."

Sua facilidade incrível permitiulhe estudar com os melhores mestres do Brasil—o maestro Luigi Chiaffarelli e Antonieta Rudge. Possuía memória fotográfica: um professor mandou-a estudar—aos 12 anos—o monumental *Prelúdio e Fuga em Lá Menor* de Bach numa segunda-feira e na quinta-feira ela o tocou de cor. O Governo do Estado de São Paulo teve grande prazer em patrocinar os estudos de tal prodígio no Conservatório de Paris. "Eu tinha apenas 13 anos", diz ela, "quando embarquei para Paris." O compositor Claude Débussy ouviu-a e escreveu:

"Desde já a jovem brasileira tem todas as qualidades do grande artista, olhos transportados pela música e um poder de concentração total."

Depois de dois anos de trabalho intenso no Conservatório com o famoso professor de piano Isadore Philipp, ela ganhou o cobiçado primeiro prêmio daquela instituição. Empresários e agentes assediaram-na com ofertas lucrativas de excursões, e ela apresentou-se com um sucesso retumbante nas grandes capitais européias.

Em 1922, aos 24 anos, casou-se com Otávio Pinto, arquiteto brilhante e também músico e compositor talentoso (muitas vezes ela toca uma peça dêle como número fora do programa). Fôra um namôro comprido, mas Otávio, mais velho do que ela sete anos, esperara. Depois que ela deu seu concêrto de despedida em São Paulo, no Teatro Municipal, antes de partir para estudar em Paris, êle lhe enviou um buquê de rosas vermelhas. Quando ela voltou da Europa, foi recebida com outro buquê e uma calorosa acolhida. Quando estreou em Nova York, no Aeolian Hall, recebeu as rosas costumeiras e um cartão de felicitações. Pouco depois êle a pedia em casamento, mas ela estava por demais ocupada com sua carreira para pensar sèriamente em casamento. Só quatro anos depois foi que ela deu o "sim".

Depois do casamento Otávio assumiu a administração da carreira musical da mulher. Sempre viajava com ela nas excursões e ficava nos

bastidores em todos os concertos para animá-la quando ela se sentava ao piano. Quando nasceram os filhos, Ana Maria e Luís Otávio, Guiomar retirou-se dos palcos para cuidar da educação deles. E tornou a interromper sua carreira em novembro de 1951, quando Otávio morreu.

Ela já tocou com quase todos os grandes maestros de seu tempo. Na Áustria gravou seis concertos com a Filarmônica de Viena, sob a regência de Hans Svarovsky, o que fez em seis sessões, sem uma única repetição. Tocou com Leonard Bernstein e a Filarmônica de Nova York. Em 1967, tocou em um dos primeiros concertos no Queen Elizabeth Hall de Londres, novo centro de música clássica. Foi amiga leal e grande intérprete das obras do saudoso Heitor Villa-Lobos, que definiu musicalmente as muitas facetas da alma do Brasil. Mais recentemente, ela foi responsável pela ressurreição de um prodígio musical americano esquecido, Louis Moreau Gottschalk, cujas variações sobre o hino nacional brasileiro ela transforma numa peça espetacular de explosão patriótica.

Hoje Guiomar dedica cada vez

mais tempo à geração mais jovem de músicos e compositores. Às vezes a suíte de hotel que ela ocupa fica tão cheia de jovens promessas que mais parece uma agência teatral. Alguns vão para lhe render homenagem, outros para ouvir seus conselhos, outros para agradecer alguma gentileza. "No Brasil", disse-me ela, "precisamos de mais instrução, estímulo e facilidades culturais para os jovens. Mas isso está a caminho."

Muitos teatros brasileiros em que ela tocou têm uma placa comemorativa semelhante à do Teatro Municipal do Rio. Organizações cívicas prestaram-lhe honrarias e o Conselho Nacional das Mulheres do Brasil nomeou-a uma "das 10 maiores figuras femininas da República". Se algum dia ela resolvesse usar todas as medalhas e condecorações que recebeu, ofuscaria qualquer marechal-de-campo. Mas o prêmio máximo neste país louco por futebol lhe foi concedido por um jornal em 1969, na descrição entusiástica da vitória de 6 x 0 do Brasil sobre a Venezuela: "Pelé faz tanto pelo País com os pés quanto a nossa grande Guiomar Novaes faz com as mãos."



JENHO UMA amiga que é poeta de talento. Diz ela que sua casa é uma das mais desorganizadas do país. Para demonstrar isso, contou-me uma vez: "O coitado de meu marido aprendeu a viver nessa bagunça. Há alguns dias êle chegou a casa, postou-se no meio da nossa cozinha caótica e, num tom completamente imperturbável, perguntou: 'Meu bem, onde é que nós guardamos o abridor de latas nas têrças-feiras?'"